
ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA CRENÇA NO LIMBO

EVERTON CORREA CARDOSO DOS SANTOS¹
NATAN FERNANDES SILVA²

Resumo: O presente artigo visa a discorrer brevemente acerca da origem e do processo pelo qual se desenvolveu a crença do limbo no cristianismo, mais especificamente no corpo de crenças da teologia católica. A fim de que se estabeleça uma correta compreensão da concepção de um lugar/estado intermediário, ao passo que enumera os principais expositores desta crença, o presente trabalho trata de apontar convergências/divergências entre limbo e purgatório. Usando o historiador e especialista em Idade Média Jacques Le Goff como pano de fundo, torna-se perceptível que o domínio da geografia do além implicou em uma mudança capaz de afetar bem mais que a cosmovisão do plano social: alterou a postura do indivíduo em virtude da nova realidade pós-vida. Assim, diferindo do

.....

¹ Bacharelado em Teologia pelo SALT-FADBA. Licenciado em Letras – Espanhol pela Universidade Estadual de Montes Claros – MG. E-mail: evertton777@hotmail.com.

² Doutorando em Teologia Sistemática pela Universidad Adventista del Plata. Pós-graduado em Teologia pelo SALT-FADBA. E-mail: prnatan@hotmail.com.

purgatório, o limbo pressupõe um estágio intermediário dedicado a um público específico que se distingue dos salvos e dos eternamente perdidos.

Palavras-chave: Além; *Limbus Patrum*; *Limbus Puerorum*; Purgatório; Estágios Intermediários; Pecado Original.

Abstract: This article aims to discuss briefly the origin and the process by which belief in limbo developed in Christianity, specifically in the body of beliefs of Catholic theology. In order to establish a correct understanding of the concept of a place/intermediate state, while listing the main exhibitors this belief, this article will point convergence/divergence between limbo and purgatory. Using the historian and expert in the Middle Ages Jacques Le Goff as a backdrop, it becomes apparent that the geography of the afterlife involved a can change to affect much more than the worldview of the social plan: it changed the posture of someone about the afterlife reality. Thus, differing from purgatory, limbo assumes an intermediate stage dedicated to a specific audience that distinguishes the saved and the eternally lost people.

46

Keywords: Afterlife; *Limbus Patrum*; *Limbus Puerorum*; Purgatory; Intermediate stages; Original sin.

Até mesmo nas civilizações mais antigas e/ou isoladas é possível encontrar registros da busca pela eternidade. Refletindo sobre essa questão, o rei Salomão, ao compor o livro de Eclesiastes, chega a afirmar que tal desejo foi colocado por Deus no coração do homem (Ec 3:11), logo, tornando-se parte de quem ele é. Percebe-se a busca por vencer a morte ainda em vida em lendas como a da *Fonte da juventude*, por Ponce de León, ou da busca incessante pelo Santo Graal, ou ainda da Sereia de Ningyo,³ esta na cultura japonesa. Em todos esses exemplos, e em tantos outros, embora de maneiras distintas, o indivíduo poderia alcançar a imortalidade.

Contudo, uma vez que não foi possível vencer a imortalidade em vida, o ser humano se dedicou a entender e explicar o que lhe sucede tão logo a vida dá espaço ao seu oposto. Retratos do interesse acerca deste assunto (seja de modo incipiente ou em visões bem mais elaboradas) permeiam todas as civilizações que deixaram algum tipo de registro histórico. Em nível de exemplo, para a civilização egípcia a vida após a morte era algo bem real. Embora tal cosmovisão influenciasse diretamente e principalmente o âmbito religioso, também o fazia no plano cultural, social e até mesmo o científico.

.....

³ A Sereia de Ningyo trata-se de um ser mitológico semelhante a uma sereia e que, segundo a lenda, possui uma carne deliciosa, capaz de dar àquele que a comer a imortalidade.

Um elemento interessante da cultura egípcia trata-se do processo de mumificação, que demonstra certo nível de conhecimento dos processos de composição/decomposição. Logicamente, a arte da mumificação se desenvolveu à medida que os séculos transcorriam e o conhecimento da anatomia humana progredia. Sabe-se que este processo possuía mais um tom de religião, esoterismo, que de valorização dos processos químicos propriamente ditos. Tal argumentação torna-se perceptível nas primeiras linhas do famoso *Livro dos mortos*,⁴ também conhecido como *Saída para (a luz de) o dia*, que pousa como uma das principais (e enigmáticas) relíquias literárias egípcias:

Começam aqui os capítulos que relatam a Saída da Alma para a plena Luz do dia, sua Ressurreição no Espírito, sua entrada e suas Viagens às regiões do Além. São as seguintes palavras que se deve pronunciar no dia da Sepultura, no momento em que, separada do Corpo, a Alma entra no Mundo do Além. Salve, oh, Osíris! Touro de Amenti! Eis que Toth, Príncipe da eternidade, fala pela minha boca! Na verdade, eu sou o grande deus que acompanha em sua rota a Barca celeste! (NEGRAES, 1996, p. 9).

47

Faz-se necessário mencionar a cultura egípcia aqui por ser uma das mais antigas civilizações que deixaram registros importantíssimos de sua civilização. Mesmo no auge da cultura grega, a cosmovisão egípcia influenciou a linha de raciocínio que seguiriam os principais pensadores em sua busca por solução à efemeridade da vida, tais como Platão, Heródoto, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, dentre muitos outros.

O politeísmo grego e romano, bem como a relação do humano com o ser divino, a evolução da ideia de uma vida após a morte, das repartições existentes no plano do Além, seguramente promoveram o pano de fundo do pensamento filosófico. Assim, muito da filosofia e da teologia elaborada reflete a tentativa de responder à questão da morte enquanto fim ou apenas mais um elemento. Deste modo estava pronto o cenário necessário à visão dualista (corpo e alma), bem como a do plano ideal em oposição ao material proposto por Platão, talvez aquele que mais tenha influenciado o pensamento que se seguiria.

.....

⁴ *O livro dos mortos* é uma obra que narra os rituais e “palavras místicas” que garantiriam ao possuidor deste conhecimento o entrar e sair do Além, bem como outros benefícios, tais como não se trabalhar na vida após a morte, não morrer pela segunda vez no Além etc. A obra costumava acompanhar o morto sendo colocada na forma de livro copiado no ataúde ou mesmo escrito em porções nas paredes deste. Esta obra possuía um livro oposto, *O livro dos vivos*. Supostamente, *O livro dos vivos* era capaz de retirar a vida de um indivíduo, enquanto que *O livro dos mortos* poderia concedê-la.

Platão dedica tempo em seus escritos para discorrer acerca da temática de uma dicotomia, na qual matéria e espírito, para ele opostas entre si, eram simplesmente incapazes de alcançarem uma síntese final. Para Platão, o ser humano vivia em duas esferas distintas entre si: a das ideias e a dos objetos físicos, da mesma forma que os receptáculos somente podem receber/conter outros elementos. Para ele, o corpo meramente poderia conter a forma ou a sua ideia. Assim, embora a matéria tivesse ínfima participação na forma ideal, não passa de uma representação imperfeita e nada mais que isso. Este pensamento está no cerne da cosmovisão grega acerca da imperfeição das coisas materiais e conseqüentemente do desprezo delas. Tal visão negativa do mundo real enquanto empecilho ao ideal influenciou direta e indiretamente muitas teologias cristãs (SPROUL, 2002, p. 15-78).

Difícil é saber até que ponto os grandes teólogos beberam das mais diversas correntes filosóficas ao desenvolverem suas ideias, mas uma coisa é certa: a visão dualista de alma versus corpo paira na teologia proposta por eles. Assim, faz-se necessária uma análise acerca do entendimento do inferno, bem como do dogma do purgatório, a fim de se rastrear a origem e progressão da crença dos estágios intermediários que culminará com o aparecimento do limbo (estágio entre salvos e condenados), presente não só na literatura,⁵ como também nas expressões artísticas.

O presente trabalho se propõe a discorrer sobre a origem da crença e dos principais defensores de tal pensamento, ao passo que aproximará o leitor do cenário histórico e social no qual o limbo foi introduzido no corpo teológico da Igreja Católica, conseqüentemente chegando, embora com menos força que antes, até os dias atuais.

REPENSANDO A GEOGRAFIA DO ALÉM

Não é tarefa fácil a de definir o surgimento, bem como rastrear o desenvolvimento histórico de uma filosofia ou de uma crença, haja vista os elementos que estão envolvidos no processo desta serem extremamente complexos. Quando se trata do além, é relevante pensar que qualquer alteração do pensamento acerca do que ocorre a um indivíduo após a morte deste implica também na mudança espaço-temporal da imaginação cristã. Isso se dá porque a estrutura espaço-tempo está no cerne do pensamento de qualquer estrutura social.

.....

⁵ Na obra *A divina comédia*, de Dante Alighieri, embora claramente se perceba a influência do pensamento grego, talvez seja a obra que mais divulga a cosmovisão da época acerca do inferno, purgatório e da alma enquanto entidade racional, ainda que separada do corpo. Este trabalho pretende analisar brevemente um dos nove círculos (o primeiro) mencionados por Dante em sua descida com Virgílio ao inferno.

Deste modo, todo novo elemento que alterasse a geografia do além acarretaria uma mudança na cosmovisão da sociedade e, conseqüentemente, abriria espaço para o controle, haja vista que, tal qual acontecia na relação feudal, em que o senhor da propriedade controla o vassalo, o detentor do novo plano geográfico, em tese, compartilharia o poder e o domínio do outro mundo com a própria divindade. Isso demonstra a relevância do que estava em jogo ao se implementar a crença dos estágios intermediários, isto é, ao se redefinir o além na sociedade medieval.

Vale recordar que, em se tratando de redefinição geográfica, a Idade Média foi palco de uma mudança extremamente significativa ao se desenvolverem as grandes expedições exploradoras. Se por um lado esta movimentação agregou mercados aos países europeus e, conseqüentemente, fortalecimento econômico das metrópoles, por outro, ampliou, ainda que indiretamente, a extensão da influência eclesiástica católica.

O processo de legitimação de uma ideia/crença envolve quase sempre os mesmos elementos, e deve-se agregar a isto o fato de que o cenário pós-morte já estava construído, restando redefinir o conceito cristão deste. Tal atividade se intensificou entre os anos 1000 e 1400 d.C., sendo inicialmente estabelecido um além tripartido (inferno, purgatório e paraíso). A ideia de que a entrada no paraíso, ou da ida para o inferno, se dava mediante ações praticadas pelo indivíduo em vida é o gatilho para a disseminação da cosmovisão que, em certo sentido, atuaria enquanto ferramenta de controle social.

Segundo Berger (1974), para tornar legítima a geografia do além o discurso elaborado passaria por três etapas de um processo fundamental para a construção de qualquer conceito na sociedade: exteriorização, objetivação e interiorização. Entende-se exteriorização como o processo contínuo do homem de expor seu pensamento ao mundo que o rodeia. Assim, as ideias propostas acerca do além foram disseminadas e validadas pela instituição que tornava legítimo o discurso de membros eclesiásticos (padres, bispos, papas, entre outros).

Por sua vez os receptores das ideias, isto é, o público que assistia às missas e/ou que ouvia tais discursos acerca de quão terrível era o além para os desobedientes, passava a considerar tal pensamento e construção geográfica como realidade objetiva, logo implausível de discussão. Então, posto que a partir desta objetivação a geografia do além estava estabelecida na mente do indivíduo, a interiorização, e posterior reprodução de tal pensamento, era o último passo a ser dado. Segundo Berger (1974), a interiorização é a “reabsorção na consciência do mundo objetivado de tal maneira que as estruturas deste mundo vêm a determinar as estruturas da própria consciência”. Em outras palavras, o além (agora uma realidade objetiva)

causou tamanha impressão no ouvinte que a subjetividade deste foi moldada em função da nova cosmovisão assimilada.

ESTÁGIOS INTERMEDIÁRIOS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

O processo de desenvolvimento da concepção do além, seja ele intermédio ou não, remonta há milênios, de modo que rastrear detalhadamente seu avanço ao longo da história torna-se uma tarefa exaustiva e quase impossível, dada a quantidade de material produzido que reflete a temática da necessidade humana de se pensar no além. Uma coisa, porém, é certa: praticamente todas as civilizações de algum modo tendem a conceber ideias da geografia do além.

Ao que parece, os egípcios são os responsáveis pelo maior legado no que diz respeito à quantidade e variedade de destinos dos mortos. Um olhar cuidadoso perceberá, mesmo nos registros das civilizações mais antigas, a estreita ligação entre as concepções religiosas e as visões do além, tal qual ocorre na referida civilização e em tantas outras encontradas no Oriente Próximo. Mais curioso ainda é que essa correlação (além-religião) não se dá apenas em macro culturas,⁶ onde geralmente a sociedade está organizada de forma bem mais complexa, mas pode ser percebida também entre as civilizações mais isoladas, como por exemplo, em pequenas aldeias indígenas.

Séculos mais tarde, gregos e romanos beberiam destas fontes e retomariam suas imagens do além, modificando-as a seu bel-prazer, a fim de empreenderem suas viagens ao “mundo inferior”, temática recorrente e que ficou conhecida como “a descida aos infernos”. A saga de personagens como Teseu e Ulisses (na célebre *Odisseia*) são apenas alguns exemplos da ocorrência do referido tema na produção helenística, bem como da fusão do pensamento grego ao da cultura no qual este se instalava. Segundo Le Goff (1993), “somente através do tema da descida aos infernos é que a Antiguidade grega e romana trouxe alguma coisa às imagens cristãs do além”.

Talvez a maior contribuição grega para a formação do intermédio venha através da filosofia de Platão. Na *República* ele propõe a ideia de que o castigo de um crime deveria ser proporcional ao próprio crime e, no décimo livro dessa obra, é possível ver “homens de fogo acorrentarem as mãos, os pés e a cabeça dos tiranos, deitá-los por terra, esfolá-los e arrastá-los de lado ao longo do caminho” (LE GOFF, 1993). Para Platão, em toda culpa está presente algo da vontade do

.....

⁶ A utilização da expressão “macro cultura” não deve ser compreendida como depreciação comparativa da cultura de uma civilização em relação à outra (visto serem ambas relevantes a seu modo), mas sim no sentido de quantidade de registros históricos produzidos e deixados por determinada civilização.

indivíduo, logo, responsabilidade por parte dele, além de algo de ignorância que exigiria um elaborado processo que a cancele, segundo ele, a *metempsychose*.⁷

Avançando um pouco mais no tempo, para o primeiro século da era cristã, percebe-se que as produções pseudoepígrafas tiveram importante papel no estabelecimento do intermédio cristão. Essas obras não canônicas, embora carregadas de dados históricos relevantes, possuíam elementos que possibilitaram a construção do além-intermédio no meio cristão, tais como a concepção do *sheol* hebraico enquanto lugar de descanso dos justos (4 Macabeus), imagens do fogo como elemento de juízo e castigo eternos etc. Em algumas produções do gênero estão presentes ideias da imortalidade da alma, e em alguns casos até mesmo conceitos absorvidos da mitologia, como é o caso do Apocalipse de Sofonias, que descreve um barco que faz a travessia das almas para o mundo do além, muito parecido com o das culturas egípcia e grega.

A descida de Cristo ao inferno, enquanto interpretação do que está registrado em 1 Pedro 3:18-20, foi outro elemento relevante na formação do pensamento intermédio (LE GOFF, 1993). Teólogos medievais se propuseram a tentar resolver tal questão, muito embora tenham sido fortemente influenciados pelo pensamento filosófico, bem como a tradição recorrente da época. Assim, Cristo não descera ao inferno inferior, mas ao inferno superior, ao *Seio de Abraão* (o mesmo limbo dos pais, como ficaria conhecido posteriormente), de onde triunfante resgatara almas de todos os que haviam morrido antes de sua aparição.

Para uma melhor compreensão de como se desenvolveu a ideia da descida de Cristo ao inferno, e paralelamente do limbo dos pais, é importante conhecer as principais mentes envolvidas neste processo.

PRINCIPAIS DEFENSORES/EXPOSITORES DA CRENÇA

Le Goff (1993) apresenta o fato de que muitos contribuíram ao longo do tempo para a construção da crença no limbo, mas a maior contribuição acerca desta crença em especial vem da produção teológica de Agostinho ao introduzir a questão do pecado original, que desencadearia a busca por respostas à questão das crianças mortas sem o batismo. Ademais, Agostinho aparece como aquele que solidifica o dogma do purgatório no cerne da Igreja Católica. Contudo, embora sua contribuição teológica apenas tenha alavancado o desenvolvimento das discussões

.....
⁷ *Metempsychose* trata-se da junção de dois termos gregos: *meta*, "além de" e *psique*, "alma". Tem que ver com o processo de reencarnações sucessivas propostas por Platão, no qual a alma de um indivíduo transmigraria sucessivamente a estruturas físicas de vegetais, animais ou seres humanos.

acerca do limbo, somente em Tomás de Aquino este termo se tornou recorrente no pensamento teológico, sendo ele, aparentemente, o primeiro a utilizar/defender o conceito de um limbo das crianças e do limbo dos pais.

A tabela a seguir sintetiza a contribuição de cada um dos principais arquitetos do pano de fundo que culminou com a elaboração do limbo, bem como da disseminação dessa crença.

TABELA 1 – CONTRIBUIÇÃO DOS PRINCIPAIS TEÓLOGOS PARA A FORMAÇÃO DA CRENÇA DO LIMBO

Pensador	Principal contribuição para a crença no limbo
Agostinho de Hipona (354-430)	Embora negasse a existência de um lugar destinado às crianças mortas sem o batismo, foi o responsável por consolidar o dogma do purgatório, tornando-se um dos pais deste e, conseqüentemente, redefinindo a geografia do além. Contribuiu de forma significativa para a elaboração do pano de fundo que serviria ao limbo quando tece sua teologia acerca do <i>pecado original</i> .
Gregório, o Grande (540-604)	Último dos pais do purgatório, interessava-se muito pela geografia do além e é quem propõe a ideia da existência de duas zonas no inferno: a inferior (para o tormento dos não justos) e a superior (para o repouso dos justos), esta última enquanto Cristo não abrisse o caminho do paraíso. O inferno superior é identificado como o limbo dos pais.
Pedro Lombardo (1100-1160)	Na tentativa de reduzir ainda mais as “leves penas infernais” que, segundo Agostinho, eram aplicadas às crianças que nada acrescentaram ao pecado original, Pedro Lombardo desenvolve a ideia de que a pena que tais crianças sofrem é a “pena do dano”, isto é, a privação da visão beatífica apenas, sem castigos físicos.
Papa Inocêncio III (1161-1216)	Em 1201, concebe a ideia de que a privação da visão de Deus é o castigo do pecado original, mas quando se trata de pecado atual, o castigo aplicado é o do <i>geena</i> ¹ perpétuo.

¹ Geena é um vale em torno da Cidade Antiga de Jerusalém, que se tornou uma espécie de depósito onde o lixo era incinerado, e por isso ali o fogo nunca se apagava. Posteriormente esta expressão foi assimilada e traduzida como um equivalente da palavra inferno no meio teológico católico.

Boaventura (1221-1274)	Introduzindo o conceito intermédio na questão das crianças mortas sem batismo, Boaventura afirma que elas estão “no meio”, entre os punidos com o fogo e os bem-aventurados.
Tomás de Aquino (1225-1274)	Sua obra é ao mesmo tempo a retomada da teologia de Agostinho e a tentativa de amenizar a visão deste acerca das crianças mortas sem o batismo. De fato, ele institui o limbo, uma vez que é quem mais discorre sobre o lugar no qual as crianças estão privadas da visão beatífica de Deus, mas isentas da punição do inferno dos danados. Contudo, seu status escatológico (de tais crianças) não pode ser alterado, visto serem desprovidas de livre-arbítrio, logo, incapazes de escolher a graça salvífica.
Dante Alighieri (1265-1321)	Sua obra <i>A divina comédia</i> torna-se o principal expoente do pensamento filosófico e teológico da Idade Média acerca da geografia do além. Ademais, Dante se propôs a escrever em linguagem popular, logo responsável por tornar o pensamento erudito acessível às demais classes sociais.
Papa Pio VI (1717-1799)	Em sua controvérsia com os jansenistas de Pistoia, tentou firmar a existência do limbo enquanto doutrina da igreja ao afirmar que este não se tratava de uma fábula pelagiana.
Durand de Saint-Pourçain (1275-1334); J. Gerson (1363-1429); Cajetano (1469-1534)	Estes três são responsáveis por desenvolver a teoria do <i>votum sacramenti</i> , no qual a intercessão dos pais valeria efetivamente como o “voto do sacramento do batismo”.
Karl Rahner	Acrescenta a ideia do <i>votum Ecclesiae</i> , afirmando que ao voto dos pais seria acrescentado um voto da igreja, que consolidaria a intercessão destes pela criança.
H. Schell (1893)	Propõe que a morte das crianças que não foram batizadas equivaleria a um “quase sacramento”, posto que estas, seguindo o exemplo de Cristo, pagam penitências pelos pecadores.
Papa Bento XVI	Joseph Ratzinger, atualmente papa emérito, ao convocar a Comissão Teológica Internacional do Vaticano, torna-se o responsável por alterar a cosmovisão católica de séculos acerca da crença no limbo infantil.

Uma vez explanada a temática dos principais defensores da crença é igualmente digno de nota uma exposição acerca da *A divina comédia*, uma vez que esta se trata da principal obra a apresentar as visões teológicas e filosóficas sobre o além.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIVINA COMÉDIA

Escrita entre os anos 1307 e 1321 (um total de catorze anos), *A divina comédia*, obra de Dante Alighieri, apresenta a viagem fantástica deste ao mundo do além, mais precisamente em uma jornada pelo inferno, purgatório e paraíso. Compreender, ainda que superficialmente, a maneira como o poeta estruturou sua obra torna-se relevante a este estudo, uma vez que ela pousa como uma das principais a desenvolver a ideia de uma construção geográfica do além, acessível à compreensão de todos no momento em que foi escrita.

Possamai (2007) afirma que, embora tenha se dedicado à arte literária, Dante se preocupou muito com as questões sociais e morais, o que lhe proporcionou o desagrado de muitos, destaque para seu desentendimento com o papa Bonifácio VIII. Após diversos eventos ocorridos em sua cidade e, em face de perseguição política, por fim foi exilado, passando a percorrer diversas cidades antes de se estabelecer em Ravena, local onde viveria seus últimos anos e completaria a parte final de sua obra, *O paraíso*.

Não se sabe ao certo quando Dante Alighieri nasceu, embora se acredite que provavelmente tal fato tenha ocorrido em maio de 1256. Conforme já mencionado, ele aparece como um dos maiores poetas da história italiana, haja vista o legado que sua obra deixou, seja como precursora da própria língua italiana, ou como ícone da expressão medieval, melhor dizendo, da junção dos pensamentos filosóficos, políticos e religiosos predominantes da época.

As condições não confortáveis de um exílio não impediram que *A divina comédia* fosse muito bem pensada, haja vista que para a composição da obra o poeta a estruturou em uma métrica baseada no número três. A viagem ao além foi dividida em três partes (inferno, purgatório e paraíso) de 33 cantos cada uma, que se subdividem em tercetos, utilizando-se do recurso da *terza rima*⁸ a fim de garantir a unidade de toda a obra e, sutilmente, imprimir a ideia de uma tripartição no além.

.....

⁸ A *Terza Rima* trata-se de um recurso que permite ao verso central de cada terceto comandar os dois versos das extremidades, além de antecipar o som que ecoará no próximo terceto e conferir

A relevância desta obra reside no fato de que Dante propõe que ela seja escrita não em linguagem erudita, mas em língua vernácula e, ao fazê-lo, coloca o público em contato com a compreensão (e ao mesmo tempo exortação) recorrente acerca do além-túmulo, bem como da jornada enquanto pecador em ansiosa busca pela salvação de sua alma. Contudo, para este estudo, não é necessário adentrar à detalhada descrição dos nove círculos do inferno, mas é suficiente breve olhada no *Canto IV*, da seção Inferno, onde está descrita a chegada à “*orla*” do primeiro círculo, para Dante, o limbo.

Na introdução do referido canto existe uma nota explicativa do que o leitor e os personagens encontrarão adiante. Após ser acordado por um trovão, Dante se dá conta de que está na “*orla*” do primeiro círculo em sua descida ao submundo, o limbo, onde se depara com adultos e crianças que não passaram pelo sacramento do batismo (apresentado aqui pelo autor como o *Portal da fé*). Ali no limbo também se depara com todos os que morreram antes da encarnação de Jesus e que, embora não cristãos, viveram de modo virtuoso a luz que possuíam.

No diálogo com Virgílio, seu guia, Dante desenvolve a crença de modo sucinto e claro, haja vista o público ao qual a obra está direcionada. Será possível, desde a ótica de Dante, perceber elementos como a localização geográfica que este estágio intermediário ocupa, que almas são enviadas a esta região e o motivo pelo qual estas acabam por ficarem ali “*suspensas*” pela eternidade. Ademais, na resposta dada por Virgílio à pergunta feita pelo poeta (*Por seu merecimento ou pelo alheio / Daqui alguém ao céu já tem subido?*), percebem-se ecos de 1 Pedro 3:18-20,⁹ texto que até hoje é motivo de controvérsia no meio teológico.

Pouco mais de um terço, este canto¹⁰ aborda a temática do Limbo. A seguir são apresentados trechos mais importantes selecionados do referido canto que abordam o tema desta investigação, a fim de que o leitor perceba um pouco da “*teologia*” desenvolvida por Dante em sua jornada no além.

ao poema o tom de movimento, muito importante na ênfase da ideia de continuidade da viagem realizada pelo poeta no além.

⁹ Em 1 Pedro 3:18-20, se pode ler: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca [...]”

¹⁰ Dos 151 versos do Canto IV, aproximadamente 60 fazem menção direta/indiretamente ao limbo.

CANTO IV

“Vamos: longa a jornada exige pressa. Entrou, e eu logo, o círculo primeiro [...]	Também sou dos que penam neste abismo.
Escutei: não mais pranto lastimeiro Ouvi; suspiros só, que murmuravam [...]	Por tal defeito – os mais não nos mancharam – Perdemo-nos: a pena é de desesp’rança, Desejos que para sempre se frustraram.
Pesares sem martírio os motivavam De varões e de infantes, de mulheres Nas multidões, que ali se apinhoavam.	Ouvi-lo, em dor o coração me lança, Pois muitos conheci de alta valia, A quem do Limbo a suspensão alcança.
“Conhecer” [...] “não queres Quais são os que assim vês ora sofrendo?” Antes de avante andar convém saberes	Ó Mestre! [...] Diz-me – inquiria [...] Por seu merecimento ou pelo alheio Daqui alguém ao céu já tem subido? [...]
Que não pecaram: boas obras tendo Acham-se aqui; faltou-lhes o batismo, Portal da fé, em que és ditoso crendo.	Descer súbito vi forte guerreiro; De triunfal coroa era cingido.
Na vida antecedendo o cristianismo, Devido culto a Deus nunca prestaram:	Almas levou – do nosso pai primeiro, Abel, Noé, Moisés, que legislara, Abraam, na fé, na obediência inteiro [...].

56

Está claro que a literatura e a arte tornaram-se os principais veículos disseminadores das concepções acerca da geografia do além, conforme se percebe no poema citado. Não obstante, é preciso entender as questões que estavam sendo discutidas no meio eclesástico e que possibilitaram que a crença de um limbo penetrasse em seu cerne dogmático. Uma destas questões tem que ver com as discussões acerca do *pecado original* que, inevitavelmente, conduziria à reflexão sobre o que sucede às crianças que morreram sem que o sacramento do batismo lhes fosse ministrado. Antes, porém, de ponderar acerca deste questionamento torna-se necessário uma breve exposição acerca do desenvolvimento do conceito de pecado original partindo dos Pais da Igreja e chegando ao Concílio de Trento,¹¹ momento em que a Igreja Católica apresentaria *Cinco cânones* sobre esta temática.

.....

¹¹ O Concílio de Trento é um dos mais destacados da Igreja Católica por ser o responsável por tentar deter o avanço da Reforma Protestante e ocorre cerca de 250 anos após a conclusão da *Divina Comédia*.

SOBRE O PECADO ORIGINAL

Entende-se como pecado original (ou primeiro) o pecado que envolve a desobediência dos primeiros pais no Jardim do Éden, isto é, o pecado que envolve a queda da humanidade de sua condição primeira. Irineu entendia que uma vez que todos os homens estavam seminalmente em Adão, logo existindo nele, conseqüentemente, tinham participação no pecado deste. Para ele, uma vez que o pecado tem como ponto de partida a escolha, o homem compartilha a culpa de Adão.

Segundo Gerhard Pfandl,¹² Orígenes propôs inicialmente a ideia da pecaminosidade de todos os fetos como fruto da queda das almas individuais de uma existência prévia celestial, mas, finalmente, acabou por aceitar a doutrina da corrupção do homem como herdada pela queda de Adão.

Tertuliano, por sua vez, teorizou que o pecado original seria a libido sexual, transmitida pelo primeiro homem a todas as almas, uma vez que estas estavam, de alguma forma, contidas em Adão. Para ele, enquanto não nascer de novo em Cristo, pelo batismo, todo indivíduo possui a sua natureza em Adão. Não obstante, e contrapondo este pensamento, quase dois séculos mais tarde, Pelágio afirmaria que Adão havia sido criado com uma natureza nem pecaminosa nem santa, mas com possibilidade de ambas, haja vista um livre-arbítrio, o que subentende que o homem nasceria ainda com a mesma natureza de Adão antes da queda, ecos de uma teologia perfeccionista. Além disso, não acreditava em uma culpa que fosse herdada e propunha que pela contemplação de Cristo, tido por ele como o verdadeiro espelho da imagem de Deus e do que o homem é, este retornaria ao seu estado primeiro, caso assim escolhesse. Tal visão, contudo, no Concílio de Éfeso (em 431 d.C.) foi tida como heresia e anatematizada pela Igreja Católica.

Agostinho, o bispo de Hipona, tal qual Irineu, acreditava “que toda a raça humana estava seminalmente presente em Adão e, portanto, também pecaram de fato nele. Ele disse: ‘Na escolha má direcionada daquele único homem todos pecaram nele, uma vez que todos eram aquele único homem, de quem, por causa disso, eles todos severamente originaram o pecado original’”¹³. Com Agostinho tem início o discurso do sacramento do batismo, enquanto novo nascimento e regeneração, como solução para remoção da mancha causada pelo pecado original e, ao fazê-lo, propõe sutilmente que a graça somente deve servir como base salvífica, muito embora essa

.....

¹² Alguns Pensamentos Sobre Pecado Original. Disponível em: <http://bit.ly/2kjmTB5>

¹³ Disponível em: <http://bit.ly/2kjmTB5>.

graça apresentada por ele tenha mais que ver com o novo nascimento que com a justiça de Cristo imputada no homem. Segundo Bacchiocchi (2012, p. 353),

Agostinho acreditava, à semelhança de Cipriano, que todos recebem na hora do nascimento uma alma manchada com o pecado de Adão. A criança recebe do pai não só o corpo, mas também a alma. Visto que a alma do pai está manchada com o pecado de Adão, assim será com a do filho. Assim como o pai precisa do batismo para remover a mancha do pecado original, a criança também.

Após lançada essa base por Agostinho, Tomás de Aquino desenvolveu sua teologia nesta direção, embora sua ênfase maior esteja sobre o pecado original enquanto um estado no qual o homem está privado da *justiça original*, aquela mesma que o colocava submisso à vontade de seu Criador. Assim, por ocasião do pecado de Adão foi-lhe retirada essa justiça e, como resultado da rebelião, houve a quebra da harmonia existente em sua natureza. Para Tomás de Aquino, o pecado de todos os homens também incluía a culpa original, haja vista que ele enxergava a humanidade como um todo existente, latente, em Adão.¹⁴

58

Após Tomás de Aquino, a principal construção de pensamento acerca desta temática ocorre entre os anos 1545-1562, por ocasião do Concílio de Trento, visando a colocar um basta às ideias da Reforma Protestante, que naquele momento avançava contra o trono papal. Esse concílio ofereceu base sólida para uma espécie de ressurgimento do catolicismo mediante a resposta da Contrarreforma. Ademais, a Igreja Católica, no referido concílio, propôs cinco decretos que forneceram a mais clara visão do pecado original sob o viés católico. Basicamente, a igreja anatematizou a todo pensamento que discordasse das seguintes proposições:¹⁵

Cânon um: Adão perdeu a justiça e a santidade nas quais foi constituído ao desobedecer a Deus no paraíso. Além disso, todo e qualquer ser humano é Adão completo, quer no corpo ou na alma.

Cânon dois: O pecado de Adão trouxe prejuízo não só a ele, mas aos descendentes, uma vez que transmitiu à sua prole mais que morte e punição do corpo, mas o pecado que produz a morte da alma.

.....

¹⁴ Disponível em: <http://bit.ly/2kjmTB5>

¹⁵ Disponível em: <http://bit.ly/2kjmTB5>.

Cânon três: A ofensa cometida por Adão é uma por origem, sendo comum a todos por *propagação* e não por *imitação*, além de estar em todos. Ademais, somente o sacramento do batismo “corretamente conferido na forma da igreja” pode cancelar a ofensa.

Cânon quatro: Recém-nascidos devem ser batizados, mesmo que nasça de pais já batizados. O motivo da aplicação de tal sacramento é a remissão dos pecados e do pecado original de Adão, expiado apenas pelo banho da regeneração, a fim de obterem a vida eterna.

Cânon cinco: A graça de Jesus que é conferida por ocasião do batismo cancela toda a culpabilidade do pecado original no indivíduo.

Assim, tendo em vista os argumentos supracitados, a discussão por parte dos principais teólogos e filósofos, bem como da própria igreja acerca do pecado original, paulatinamente produziu a base sólida e o pano de fundo necessário à edificação da crença no limbo enquanto um local intermédio, embora não o primeiro deles.¹⁶

A CRENÇA NO LIMBO

Para a *Enciclopédia britânica on-line*, limbo trata-se de uma palavra de origem teutônica, significando “fronteira” ou “nada se juntou diante”. Na teologia católica romana é a fronteira entre Céu e inferno, mais propriamente do local designado às almas dos que não foram condenados à eterna punição, mas que tampouco podem gozar da existência eterna com Deus. Já Galahad Threepwood (2004), no *Dicionário crítico de teologia*, afirma que a palavra limbo é de origem latina e significa “franja”, chegando “a designar ao mesmo tempo o *sheol* veterotestamentário do qual Cristo libertou os justos da antiga aliança, e a parte do inferno habitada pelas crianças mortas sem o batismo”.

Por sua vez o *Sacramentum mundi*, de Karl Rahner, apresenta o conceito de limbo como a “borda, orla”, termo teológico “que designa o lugar e o estado dos mortos que não se encontram no Céu (visão de Deus), nem no inferno, nem no purgatório”. A obra apresenta ainda uma divisão entre o *limbo dos pais* e o *limbo infantil*.

.....

¹⁶ O purgatório já se solidificara enquanto lugar intermediário necessário à expiação de alguns tipos de pecados antes de se entrar na bem-aventurança.

Entende-se como *limbo dos pais* (*Limbus Patrium*) o local destinado escatologicamente aos justos da antiga aliança, mas que morreram antes da encarnação de Cristo. O AT emprega muitas vezes a palavra/imagem do *sheol* em passagens que vieram a ser consideradas, posteriormente, como uma visão judaica do além-intermédio, como ocorre no Salmo 139:8, onde o compositor se referindo à onipresença do Criador, afirma: “Se subo aos céus, lá está; se me deito no *sheol*, lá estás Tu.”

A visão de um lugar de descanso destinado aos justos da antiga aliança e dos demais judeus do NT, tradicionalmente conhecido como o *seio de Abraão*, se desenvolveu a partir de produções pseudoepígrafas (apócrifas), de modo que a *Parábola do mendigo e de Lázaro* registrada no evangelho canônico de Lucas não valida a existência do *seio de Abraão*, mas apenas retoma, algo comum ao pensamento social do momento¹⁷ (RICHARDSON, 2008). Tal pensamento (de um intermédio destinado aos pais) está presente, por exemplo, em obras como 4 Macabeus 13:17 onde se lê que “depois de nossa morte Abraão, Isaac e Jacó irão receber-nos, e todos os nossos antepassados nos louvarem”, e no Apocalipse de Sofonias, que apresenta uma imagem do além retomada totalmente do *Hades* grego, modificando-a de modo a dar espaço à visão do seio de Abraão.

Baseados em textos como os de 1 Pedro 3:19-20 (“[...] no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé”) e de Efésios 4:8-9 (“Quando Ele subiu às alturas, levou consigo o cativoiro [...] que quer dizer subiu, senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra?”), os Pais da Igreja desenvolveram a ideia da descida do Cristo triunfante ao limbo dos pais a fim de libertar os justos mortos antes de sua encarnação e conceder a estes acesso à bem-aventurança. Tal visão está muito bem registrada seja na produção literária ou nas pinturas que circulavam na Idade Média, como é o caso da obra *Jesus no limbo*, de Domenico Beccafumi.

Por sua vez o *Limbus Puerorum*, ou simplesmente *limbo das crianças*, designa o espaço reservado às crianças que morreram sem o sacramento do batismo regenerador, o que as privaria, segundo a crença da igreja medieval, da visão

.....

¹⁷ No livro *O fator Melquisedeque*, Don Richardson expõe o contexto de Atos 17:16-31, contexto este de que Paulo se apropria para pregar o evangelho em seu discurso no Areópago. Ele se utiliza do conhecimento comum de seus ouvintes acerca do “Deus desconhecido”, proposto por Epimênides quase seis séculos antes, para chamar a atenção à verdade que está para abordar: a do monoteísmo cristão. De igual modo Jesus (na referida parábola) usa o conhecimento do *seio de Abraão*, não para afirmá-lo enquanto algo existente, mas objetivando apenas prender a atenção de seus ouvintes, tendo assim sua real mensagem (das profecias apontando para Ele) maior alcance entre eles.

beatífica de Deus. Diferentemente do limbo dos pais, no limbo das crianças não existe uma esperança de alteração de sua condição escatológica. Logo, as almas dos infantes ali estariam excluídas da visão de Deus pela eternidade.

Se bem que o termo não apareça na Bíblia, no contexto teológico, limbo trata sempre do lugar intermediário à borda, à margem do inferno daqueles que foram condenados (é importante não confundir este local com o purgatório). Certo é que as discussões sobre o pecado original, iniciadas por Agostinho, levaram os teólogos a pensar no que ocorreria a um indivíduo que não recebesse os benefícios do batismo, tal como é o caso dos recém-nascidos e dos que morreram desconhecendo o cristianismo. Estariam os infantes relegados ao inferno, posto não serem capazes de deliberar acerca do destino eterno de suas almas? Não seria incoerente com a noção da perfeita justiça divina o fato de serem tais pessoas condenadas ao castigo eterno reservado aos danados?

Ao que parece, o combate à heresia pelagiana fez com que Agostinho esboçasse apenas uma resposta a estas questões, embora não concebesse a ideia de outro lugar que não o inferno ou o purgatório, onde aqueles teriam no máximo sua pena suavizada. Contudo, ao escrever a Jerônimo, Agostinho menciona a angústia que sentia em face do destino eterno de crianças condenadas ao inferno, mesmo sendo as penas destas muito leves.¹⁸

Embora Agostinho seja reconhecido como aquele que instituiu o purgatório enquanto dogma católico, segundo Lacoste (2004) pode-se afirmar que Tomás de Aquino é um dos primeiros a se utilizar do termo “limbo”, tornando-o recorrente após abordar o assunto. Em sua obra (que na verdade é a retomada do trabalho de Agostinho), o limbo emerge enquanto tentativa de justificar e atenuar a visão de seu predecessor no que diz respeito ao destino dos pequenos que morreram sem o batismo.

Para Tomás de Aquino, o intermédio é dedicado àquelas crianças que sofrem a pena do dano e não a do sentido, de modo que a pena do sentido se destina aos que cometem o pecado do ato, mas não se aplica aos que carregam somente a mancha do pecado original, visto ser este um vício da natureza e não um vício da pessoa em si mesma. Assim, o único castigo que incorreria aos que morreram sem o batismo seria a privação eterna da visão beatífica de Deus. Segundo Benito (2003), Tomás de Aquino chega a afirmar que tais crianças “não possuem capacidade para o Céu [...] porque lhes faltam os meios para alcançar este fim, já que não possuem livre-arbítrio, necessário para um ato de fé; [...] jamais tiveram a graça nem a possibilidade de escolher a graça”.

.....

¹⁸ Santo Agostinho: “Cum ad poenas ventum est parvulorum, magnis, mihi crede, coactor angustiis, nec quid respondeam, prorsus invenio” (Epist 166 n. 16; PL 33, 727), citado em *El destino de los niños muertos sin bautismo*.

Encerrando seu pensamento em *Quaestiones Disputatae de Malo*, escrito entre 1270 e 1271, Tomás de Aquino afirma ainda que, no limbo, tais crianças possuem pleno conhecimento de que a alma foi criada para a felicidade, mas posto não terem o conhecimento sobrenatural que vem pela fé enquanto liberdade de escolha (o princípio básico da vida sobrenatural), elas ignoram o que a santa Revelação ensina a todo crente.

Finalmente, em 1794 o Papa Pio VI, ao mesmo tempo em que condenou os jansenistas de Pistoia, fez uma tentativa de “confirmar” o limbo enquanto doutrina, conforme se percebe a seguir:

É falsa, temerária e injuriosa às escolas católicas a doutrina que rejeita, como se fosse uma fábula pelagiana, o lugar inferior (pelos fiéis geralmente chamado limbo das crianças), onde as almas dos que morrem apenas com o pecado original, são punidas pela pena do detrimento sem algum tormento do fogo; a rejeição provém de que tal doutrina admite que, negada a pena do fogo, se deve afirmar um lugar e estado intermediário, isento de culpa e pena, entre o reino de Deus e a condenação eterna, como imaginavam os pelagianos (BETTENCOURT, 1955).

62

A QUESTÃO DO LIMBO NA ATUALIDADE

Em 1984, Joseph Ratzinger, enquanto ainda cardeal, afirmava que a crença no limbo era totalmente insatisfatória e, portanto, deveria ser abandonada pela igreja. Nos mais de vinte anos em que presidiu a Congregação para a Doutrina da Fé,¹⁹ aproveitou para disseminar a ideia do inferno como mais que uma metáfora, além de ressaltar a ideia do paraíso e do purgatório, onde almas com pecados menores passariam por purificação antes de adentrar a bem-aventurança eterna.

No final de dezembro de 2005, não mais cardeal, mas na qualidade de papa Bento XVI, Ratzinger convocou uma comissão composta por trinta teólogos para pôr fim ao limbo, a morada das almas não batizadas. A partir de então o novo

.....

¹⁹ Congregação para a Doutrina da Fé (em latim *Congregatio pro Doctrina Fidei*, CDF) é a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos da Santa Sé. Substituiu a Suprema e Sacra Congregação do Santo Ofício, que anteriormente chamava-se Suprema e Sacra Congregação da Inquisição Universal da Idade Moderna e que era responsável pela criação da Inquisição em si. A Congregação para a Doutrina da Fé engloba a Comissão Teológica Internacional e a Pontifícia Comissão Bíblica.

catecismo excluiu a palavra limbo de seu vocabulário e, no que se refere às crianças que morreram sem o sacramento do batismo, menciona apenas o fato de que estas estão entregues à misericórdia de Deus.

No início de 2006, mais precisamente no dia 5 de janeiro, foi publicada pela revista *Época* uma matéria intitulada “Os pagãos chegam ao paraíso”, na qual o leitor é familiarizado, suscintamente, com a realidade do limbo, muito embora a principal intenção seja a de apresentar a decisão do papa Bento XVI de convocar uma comissão de teólogos objetivando discutir o fim da crença do limbo. Segundo a matéria, ainda que o documento divulgado com consentimento do então papa Bento XVI contrarie a crença de séculos acerca do limbo, a Comissão Teológica Internacional do Vaticano, além de eliminar a crença, concluiu que há “bases teológicas e litúrgicas sérias para se esperar que, ao morrer, os bebês não batizados sejam salvos”, argumentando para isso ser este o anseio da bondade e misericórdia divina, “que todas as crianças sejam salvas”. Vale acrescentar que este posicionamento, para eles, é mais uma esperança do que uma certeza.

Ainda segundo a matéria da revista, uma das últimas vozes a defender a existência de um limbo é a do intelectual norte-americano Harold Bloom,²⁰ professor e crítico literário que ficou conhecido como humanista. Atualmente, aos 86 anos, leciona Humanidades na Yale University e Inglês na New York University.

No documento publicado,²¹ a Comissão Teológica afirma, dentre outras coisas, que

além da teoria do limbo, que permanece uma opinião teológica possível, podem haver outros caminhos que integram e salvaguardam os princípios de fé fundados na Escritura: a criação do ser humano em Cristo e a sua vocação à comunhão com Deus; a vontade salvífica universal de Deus; a transmissão e as consequências do pecado original; a necessidade da graça para entrar no Reino de Deus e alcançar a visão de Deus; a unicidade e a universalidade da mediação salvífica de Jesus Cristo; e a necessidade do Batismo para a

.....

²⁰ Harold Bloom é conhecido como humanista por sempre defender os poetas românticos do século 19, mesmo em um tempo em que as reputações deles eram muito baixas. Bloom é autor de diversas teorias controversas sobre a influência da literatura, além de ser defensor da literatura formalista (*a arte pela arte*), em oposição a visões marxistas, historicista, pós-modernas, entre outras. Ademais, é um dos grandes impulsionadores contemporâneos do conceito de *Cânone Ocidental*.

²¹ O conteúdo integral do documento publicado pela Comissão Teológica pode ser encontrado em “A esperança da salvação para as crianças que morrem sem batismo”. Disponível em: <<http://bit.ly/2j4Srph>>.

salvação. Não se chega a esses outros caminhos modificando os princípios de fé ou elaborando teorias hipotéticas.

E ainda mais,

Mesmo considerando o batismo sacramental necessário, enquanto meio ordinário estabelecido por Jesus Cristo para configurar a si mesmo os seres humanos, a Igreja não ensinou nunca a “necessidade absoluta” do Batismo para a salvação. Existem outros caminhos pelos quais pode ser realizada a configuração com Cristo. [...] Além disso, o poder de Deus não está limitado aos sacramentos: *‘Deus virtutem suam non alligavit sacramentis quin possit sine sacramentis effectum sacramentorum conferre’* (Deus não liga seu poder aos sacramentos, assim pode conferir o efeito dos sacramentos sem os sacramentos). Deus pode, portanto, dar a graça do Batismo sem que o sacramento seja administrado. [...] A necessidade do sacramento não é absoluta.

64

Ademais, quando argumenta acerca do novo contexto no qual a igreja está inserida, o referido documento limita-se a dizer que “o Magistério [...] optou, específica e, talvez, providencialmente, por não definir que essas crianças estão privadas da visão beatífica, mas por manter aberta a questão”. Aparentemente, o crescente contato com diferentes crenças e culturas levou o Magistério a desenvolver um discurso no qual considera com maior atenção “os múltiplos e misteriosos caminhos de Deus e da sua própria missão”.

Finalmente, a igreja considera a ideia de um limbo como uma limitação da superabundância da graça de Cristo derramada onde abundou o pecado. Assim, o novo posicionamento católico defende que, embora seja uma possibilidade teológica, tal fato (limitação da graça) coloca esta crença como vazia de cristocentrismo e, conseqüentemente, digna de ser abandonada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme abordado no estudo acima, a crença do limbo se desenvolveu no cerne da Igreja Católica a partir de uma necessidade de se dar uma resposta sólida ao destino das crianças mortas sem o batismo. O pano de fundo fornecido pelas diversas culturas acerca do além, principalmente as civilizações egípcia, grega

e romana, lançou a base sobre a qual se desenvolveu o purgatório, o primeiro intermédio aceito enquanto dogma no cerne da teologia católica.

Em um momento histórico de expansão, dominar a geografia do além era sinônimo de aumentar a influência exercida sobre a sociedade, ao ponto de compartilhar o poder com a própria Divindade. Logo, havia bem mais que interesses teológicos presentes no desenvolvimento de doutrinas como a do purgatório e, posteriormente, a crença no limbo. Sim, muito mais estava em jogo. Entretanto, o processo de consolidação de qualquer ideia é lento e precisa ser tão amplamente disseminado a ponto de se alcançar a aceitação do senso comum. Os principais recursos utilizados para isso foram os discursos e homilias, sermões e as mais diversas produções artísticas, que trataram de apresentar impressões, partições, ideias filosóficas e teológicas acerca do além. Aparece como belo exemplo de tais produções *A divina comédia*, escrita propositalmente pelo autor em linguagem acessível ao povo, como uma parábola da busca pela salvação da alma, tema pertinente a todo homem.

O gatilho do desenvolvimento do limbo propriamente dito só é possível a Tomás de Aquino e outros que tratarão de tentar consolidá-lo, porque seu precursor, Agostinho, levantara a tese do pecado original, desencadeando a necessidade de se ter uma resposta teológica à questão dos infantes mortos sem o sacramento do batismo que, aliás, era atribuição exclusiva da igreja.

A partir de Tomás de Aquino se desenvolveria a teologia amplamente aceita do *limbo dos pais* (ou seio de Abraão), destinado aos justos da antiga aliança libertos por Cristo por ocasião da descida deste aos “infernos”, e do *limbo infantil*, local reservado às crianças que pela eternidade estariam privadas da visão beatífica de Deus, uma vez não possuírem, segundo ele, livre-arbítrio.

Contudo, desde 2005 a questão da existência de um limbo infantil e dos pais foi radicalmente alterada pela Comissão Teológica Internacional do Vaticano convocada pelo então papa Bento XVI, que desde 1984 já afirmava ser tal crença insatisfatória, devendo ser abandonada pela igreja. Assim, desde o fim de 2005 (em documento publicado pelo órgão oficial do Vaticano) o novo catecismo excluiu o termo *limbo* de seu vocabulário, limitando-se a afirmar que, relativamente às crianças que morreram sem o sacramento do batismo, “estão entregues à misericórdia de Deus”.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. São Paulo: Atena, 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/2jOOo4V>>. Acesso em: 02 maio 2015.

AQUINO, T. **Suma Teológica**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1997, v. 2.

- _____. **Suma Teológica**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1997, v. 6
- BACCHIOCCHI, S. **Crenças populares**: o que as pessoas acreditam e o que a Bíblia realmente diz. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2012.
- BENITO, Á. P.; RECOLETO, A. **El destino de los niños muertos sin bautismo**. Lima: Imprimatur, 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/2jlyzue>>. Acesso em: 07 abr. 2015.
- BERGER, P. **A Construção Real da Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1974..
- BERNADES, E. Os pagãos chegam ao paraíso. **Revista Época**, 2007. Disponível em: <<http://glo.bo/2kjoFCk>>. Acesso em: 07 out. 2015.
- BETTENCOURT, D. E. O limbo das Crianças. **Revista A Ordem**, v. 53, n. 1, 1955. Disponível em: <<http://bit.ly/2j4Gdx7>>. Acesso em: 06 maio 2015.
- CAMPOS, H. C. Descendit ad inferna: Uma análise da expressão ‘desceu ao hades’ no cristianismo histórico. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 1-21, 1999. Disponível em: <<http://bit.ly/2kjjfal>>. Acesso em: 05 abr. 2015.
- CERAM, C. W. **Deuses, Túmulos e Sábios**. 17. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1985.
- COSTA, D. L. A instituição do inferno medieval. In: JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 10. Maringá, 2011. **Anais do Congresso**, 2011. Disponível em: <<http://bit.ly/2jorL3T>>. Acesso em: 17 abr. 2015.
- DUARTE, T. A. Inferno: uma ideia do espaço dos pecadores na Divina Comédia de Dante Alighieri. **Monções: Revista do Curso de História da UFMS**, Mato Grosso do Sul, v. 1, n. 1, p. 187-201, set. 2014. Disponível em: <<http://bit.ly/2iV0OJ3>>. Acesso em: 02 abr. 2015.
- GARCÍA, F. A. G. La Anástasis: Descenso a los infiernos. **Revista Digital de Iconografía Medieval**, v. III, n. 6, p. 1-17, 2011, Disponível em: <<http://bit.ly/2kiZZWm>>. Acesso em: 05 abr. 2015.
- GARRIGOU-LAGRANGE, R. **La vida eterna y la profundidad del alma**. Madrid: Ediciones Rialp S.a., 1931. Disponível em: <<http://bit.ly/2j4S5PD>>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- JACKSON, M. **The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge**. New York and London: Funk and Wagnalls Company, 1910, v. 5.

JACKSON, M. **The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge**. New York and London: Funk and Wagnalls Company, 1910, v. 6.

LACOSTE, J. Y. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: editora Paulina em parceria com a editora Loyola, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, J. **O nascimento do Purgatório**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

NEGRAES, E. C. **O Livro dos Mortos do Antigo Egito: o primeiro livro da humanidade**. 9. ed. São Paulo: Editora Hemus, 1996.

OTT, L. **Manual de Teologia de Dogmática**. Barcelona: Editorial Herder, 1966. Disponível em: <<http://bit.ly/2jQ5VsT>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

POSSAMAI, J. M. B. **Leitura do limbo de Dante: o encontro de poetas e sábios**. Dissertação. (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Repositório Institucional da UFSC. Disponível em: <<http://bit.ly/2jJHHL>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

RICHARDSON, D. **O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas por todo o mundo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

SACRAMENTUM MUNDI. Barcelona: Editorial Herder, 1973, v. 4.

SCHMAUS, M. **Teología Dogmática**. Madrid: Edições Rialp, 1960. Disponível em: <<http://bit.ly/2k7QFW6>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SPROUL, R.C. **Filosofia para Iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

THREEPWOOD, G. Limbo. In: LACOSTE, J. Y. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: editora Paulina em parceria com a editora Loyola, 2004.